

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

IDEALISANDO

Ha uma suavidade doce, um mel de caricias na tua fronte e nos teus labios, ó luarenta subjefivação das minhas máguas e das minhas alegrias!

Eu queria involver-te, n'uma espiral de essencias amantissimas, assim como os perfumes dolentes e absorventes das magnolias e dos nenuphars, e n'um beijo astral de luz e de incenso, de respeito e de adoração, dizer-te como a vida é fria sem a luz do teu olhar, como o teu olhar é triste sem a sentimentalidade emocionante e cariciante de nossos corações...

¿O que é a Vida sem o Amôr?

Campo Santo de myrtos e de cyprestes, um horizonte de folhas séccas, amarellecidas e pallidas, cahindo no chão regelado, como um suspiro na concavidade d'um bosque, como um lamento na clareira d'um precipício...

E's tão branca e és tão loira!

Na brancura do teu collo ha a suavidade corulea dos cygnos d'um lago dormente.

No loiro dos teus cabellos a doce crystallinidade d'um beijo d'aurora, que doura, n'um banho de luz, as searas de trigo e as tranças das creanças.

Tens effluvios suggestionantes na voz e no olhar. Ha em ti qualquer coisa de divino e de maravilhoso, a escola chromatica dos sons e os esbatidos maravilhosos da luz.

O teu nome é um cantico, o teu olhar um poema, a tua voz uma symphonia, o teu gesto um enyigma, e o teu coração uma Sphinge.

• Já te vi a dentro d'um convento.

Agora, na espaçosa e luminosa claridade do sol, que doura as searas, e põe beijos quentes na corolla dos lyrios, o teu collo é assetinado, leve, vaporoso, assim como um sonho, como uno um sonho demorado e longo e aereo e subtil...

N'estas tardes, em que o sol espreita os raros das janellas e a brancura línea dos lençoes, andas tú desenastrando as tranças do teu cabello, loiro e fulvo, fino e delgado, como um ai do teu peito, como uma saudade da tua alma.

E a dentro do meu peito, que é um lago de dores e de soffrimentos intimos, a tua imagem esvoaça, nimbo de ideaes, a aza doce da tua alma.

E sabes o que nossas almas dizem?

Ha segredo intimos, que são como a luz que entra na alcova dos noivos.

Esbatem-se a frouxo, n'uma claridade tenue. O sol não quer dizer os segredos que ouve aos espo-

sa los na primeira madrugada, como eu não quero dizer os segredos da primeira madrugada do nosso amor.

.....
Era assim a epistola amorante e dulcificante que Raimundo dos Anjos dirigia, nos primeiros dias d'este mez, á sua enamorada.

Um accaso nos trouxe ás mãos este esqueleto de amor ideal.

Aqui o deixamos, para, sobre elle, se bordarem quaesquer thezes sobre o amavioso assumpto.

*

¿Pode admittir-se um Amôr assim?

¿E este amôr é estavel e duradouro?

¿Ha, na psychologia femenina, ideaes e forças para sustentar-se um Amôr como este?

¿E o Amôr, como Raimundo dos Anjos o expressava, seria verdadeiramente Amôr?

¿Pode modernamente, n'esta debacle de sentimentos e de ideaes, em que tudo papuja na lama do interesse, admittir-se a existencia d'um Amôr puramente ideal, immaculado?

¿E o Amôr pode ser immaculado?

Para estas perguntas chamo a attenção das leitoras da «Lagrima».

E, como o assumpto é palpitante para os seus corações, abrimos já um plebiscito sobre o thema seguinte:

¿Pode amar-se um homem, idealmente, sem ideia de casamento?

¿E este amôr é digno?

Esperamos a opinião das intelligentes leitoras da «Lagrima», e publical-a-hemos successivamente pela ordem porque forem recebidas.

Z. SARMAÇO

PARA A ESQUERDA

Com o presente n.º, termina a «Lagrima» dous annos de existencia.

E' de darmos parabens a nós mesmos. Porom, a quem elles pertencem, é aos nossos assignantes e amigos, porque com elles é que a «Lagrima» tem progredido dia a dia.

Sabem cemó ella era pequenina e desataviada.

¿Agora brilha mais?

Foi o favor dos seus amigos que a bafejou.

Mas tambem nós nos podemos orgulhar do conservar, regularmente, a existencia d'um po-

A LAGRIMA

riodico como este, que é unico, n'este genero, em todo o paiz, illustrado, com gravuras feitas em louza...

D'aqui a quinze dias, esperamos iniciar uma novidade em gravuras.

Os assignantes da «Lagrima» hão de ficar maravilhados.

A ALGUEM

Vou contar-te, Adelina, os meus segredos,
—Historia romanesca do «Passado»,
Bordada a ouro, á luz d'esses credos
De creancinha em berço perfumado!

Olhava minha mãe de quando em quando...
Que carinhoso olhar! Que doce afan
Eu tinha nos seus beijos, e beijando
Dizia-lhe mil vezes:—oh! ma... mã!

Depois, esses meus sonhos de creança,
—Essa visão celestre, peregrina,
Illuminou-me a frente d'uma esperança,
Contemplando-te sempre, oh! Adelina!

Barcellos.

A. DA SILVA VIEIRA.

OS DANDYS

E' necessario resuscital-os da sepultura de lama em que a «Lagrima» os enterrou.

Na reunião de industriaes e commerciantes, que se realisou, quarta-feira, na Rua das Flores, apresentou-se um d'estes bichos, todo lepidido, cofiando o pequenino bigode com luva sebacea.

Alguem perguntou-lhe:

—O sr. tambem quer protestar contra a elevação de Barcellos a terra de 3.^a classe?

—Eu, pelo contrario, o que desejava é que Barcellos fosse terra de 1.^a classe.

—Porque rasão?

—Porque nas terras grandes toda a gente uza cartóla...

NOTAS DA QUINZENA

O RELHO

Depois d'um anno de ferias prisionaes, cahiu finalmente o Relho nas mãos da policia. Alvorotou-se toda a gente, ao saber da sua prisão. Homens, mulheres e crianças, tudo correu a vello, vindo de Villa Secca, entre os soldados, casação comprido, chapu de aba larga, muito pal-

lido, muito desólhado, as suissas a fugir-lhe para os cantos da bocca, mudado, muito differente d'aquelle Relho que a «Lagrima» descreveu em maio do anno passado. Tão mudado, que o «S. Relho», o santo do seu nome e seu protector, d'esta vez não o foi suggestionar para que fugisse...

E, perguntando nós aos nossos alcorões a causa d'este abandono, foi-nos dito que «São Relho» o não suggestionara d'esta vez, simplesmente por causa d'elle se emborrachar com agua-arde... .

Que quem quer a protecção dos Santos não se embebeda.

Mas a culpa não foi d'elle. A culpa foi do Minhotães. O Relho nunca se emborrachára, como nunca se emborracha um gatuno fino, um criminoso fóra do vulgar.

Mas, fugindo a delongas, porque estas linhas são notas, e umas notas, a não ser de cincoenta mil reis, são farrapos pequenos, devemos dizer que a prisão do Relho foi a ordem do dia e da noite durante a ultima semana.

Era já tão lendaria a protecção de que elle gosava, que ninguem acreditava que o prendessem.

Porque, (isto toda a gente o via), quando elle passava com as trouxas debaixo do braço em direcção a casa,—até a tropa lhe fazia continencia.



Porem, tantas vezes vai o cantaro á fonte... até que quebra.

D'esta vez quebrou em Villa Secca.

O Relho bebeu de mais.

O Minhotães estava como um cacho!

Foi n'este estado que o official grisalho e valente, excellentissimo sr. Machado, os encontrou n'uma venda. Não os prendeu logo, apesar d'elles estarem a cahir, porque os valentes são prudentes...

Pelo sim, pelo não, mandou pedir uma força. Tambem não os seguiu de perto, a ver onde elles se estiravam, cheios de sono e de aguar-dente.

A LAGRIMA

Nada. O Minhotães ia com a pistola desemperrada, e a cousa podia ser seria. Mandou dois rapazes a ter conta nos bandidos. E os rapazes foram. Pelo que mostraram mais coragem do que elle.

No entanto, constava cá na Parvonía que o grisalho sr. Machado é que tinha prendido o Relho.

Elle prender o Relho?

Se o Relho não estivesse bebado, era capaz de o prender a elle...

Mas lá nas aldeias corre a fama, assim como um rôlo de fumo da chaminé d'uma maquina, que o valente sr. Machado até recebeu uma MEDALHA!

Deve ser, realmente, d'um effeito espantoso ver o sr. Machado, de medalha ao peito, por exemplo na procissão do Corpo de Deus!

Toda a gente, ao vê-lo, de casaca e medalha, anafado e penteado, se transforma em pontos de admiração...



Sim. Isto é o corolario da sua infundade vaidade.

Porque o sr. grisalho official Machado foi-se gabar, na venda da sr.^a Angelina Ribeiro, que aqui em Barcellos pegaram n'elle ao cõllo, e o levaram em triumpho, como glorificação d'elle prender o Relho...

Mas elle não prendeu o Relho. O Relho é que era capaz de o prender a ellê.

Mas deve ficar um figurão com a medalha! E como estamos em vespéras de festas Henriquinas, pode figurar na exposição dos objectos raros.

Pois, se elle se gabou que tinha pago meia canada de agua-ardente—para embebedar o Relho, sendo certo que o Relho é que pagou d'esta bebida a toda a gente...

Porque o não prendeu o grisalho sr. Machado na venda?

Porque tinha—um «buraquinho», como dizia o Andrade.

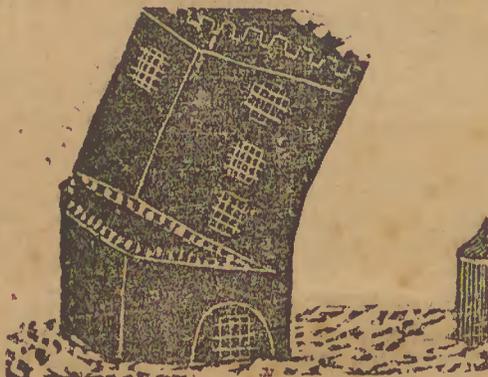
O buraquinho do medo.

A medalha que lhe pertence é, portanto, a medalha a Ordem do susto.

Mais um sêllo para as ceroulas, a juntar aos sêllos que arranjou quando viu, de frente, o Relho e o Minhotães...

*

A verdade, porem, depois de tantas glorias e de tantos desgostos, porque bastantes «companheiros», na ultima phraseologia anarchista, se poseram pálidos e amarellos, e ficaram doentes do peito ao saber que o Relho foi preso; a verdade é que a sociedade estimou, o sr. dr. Delegado rejubilou, ... o até a propria cadeia, esse castello meio fendal, riu, abrindo, na negrura das suas paredes grossas, uma fiada de dentes brancos a sorrir, a sorrir!



*

No Campo de S. José está prompto já o lago e o fontenario.

Falta o monumento.

Depois de muitos projectos de engenheiros civis, militares, apontadores, directores de pontes e calçadas etc. etc. etc., foi escolhido este monumento.



Como vem dá um tom alegre e suggestivo...

A LAGRIMA

DOIS CASOS

Fallava-se n'um grupo de certa respeitabilidade sobre os festejos que se realisam no Porto, no proximo mez de março.

Um dos circumstantes, auctoridade modêlo de bondade e austeridade, que se tem entregado d'alma e coração ao serviço da segurança publica, que perseguiu tenazmente o Relho, quando em liberdade, chegando muitas noites a vê-lo com os seus proprios olhos, perto de si, uma auctoridade que é mesmo um velludo, que dá o proprio casaco, não se parecendo nada, por isso, com o terrifico Javert, dos «Miseraveis»...

Pois esta auctoridade, que fugiu ao ouvir o tiro d'um revolver, não por têr medo, mas por se assustar, tomou a palavra n'esse grupo, e disse:

—«Aquilo é que são festas! Vae lá ser cantado um hymno por 800 creanças! 800 creanças, fóra os *indultos*».

E ao longe a cadeia ostentava o pesado da sua architectura e o indestructivel da sua construcção, parecendo um verdadeiro ponto de admiração.

Queda-te de lá, ó Edison, Papin e companheiros do invento,—vinde admirar a celeridade do progresso do engenho!!

Industriosa Inglaterra, engenhosa America, civilisada França: vinde ver o assombroso, o extraordinario!

Barcellos, pequena villa de Portugal, qual virgula no espaço, deve ficar marcada no Atlas com uma cruz, para que todos saibam em que ponto do mundo fica a terra que acaba de produzir a ultima novidade no maquinismo!!

Acabou o microbio assassino da vide!!

Não precisas, Vicente Novaes, de chorar a perda do precioso nectar, porque se descobriu uma pequena machina manual, para injectar na vide a calda bordaleza, microbicida. O que a mão imperfeitamente fazia em muitas horas, vae fazel-o n'um momento, e bem, o injector Frincha, nome que lhe provém do seu inventor.

«Digam agora os sabios da escriptura
«Que segredos são estes da natura...

Muitos doutores tem visto o apparelho. E' preciso que a imprensa e tolo o publico o veja.

Dá Edison o phonographo,
Dá-nos Pálysse o vidro,lo,
Dá-nos Frincha um injector,
E é Barcellos injectado.

Dá-nos Braga frigdeiras,
Dá-nos Espinho sardinhas,
Dá-nos Espozende lagosta,
Dá Barcellos laranginhas.

Ultimamente, afinal,
Afinal, ultimamente,
Renasce na vide vivo,
Muito microbio doente.

ZETIL

O terrivel bicho coelhicida, que dá pelo nome de furão, estava n'aquella tarde muito triste e sorumbatico.

Havia, em dias antecedentes, entrado em muita cova, e não topára nada onde podêr enterrar os dentinhos finos e anavlhados.

Lembrou-se, então, de uma exploração nocturna. Sabe do cacifo, atravessa o quintal, e entrou na Cova n.º 63 da rua de Baixo, em Barcelinhos.

Mas, como sahiu sem dar cavaco nhenhum a ninguém, o patrão, que era o sr. Faria Giestas, sobresaltou-se ao dar pela falta do bicho.

Accende uma lanterna, procura-o por todos os cantos e recantos da casa, vai ao quintal, á capoeira, a toda a parte emfim, e o furão—le grillo!

Vai deitar-se desesperado.

De manhãinha cedo:

Traz, traz, traz:

—«Quem é?»

—«Venho trazer-lhe o furão.

—«Onde estava? diz o Giestas muito contente.

—«Em casa da Maria... Alli adiante...»

Papagaio aberto em louza pelo gravador da «Lagrima», Torquato dos Santos.

Vê-se que o rapaz tem feito progressos.

Executar com varetas de guarda-soes, partidas, e achata-das na extremidade, em vez de buris, uma gravura com traços tão finos, n'uma pedra tão grosseira—é já ser hablissimo!

Esta gravura é copia fiel do papagaio do sr. Duarte Sa-vação.

Ha só um defeito no trabalho: é não reproduzir em traço mesino ligeiro, a immundicie que se amontua no dorso da ave brazilleca.



Responsavel:—João G. da Silva